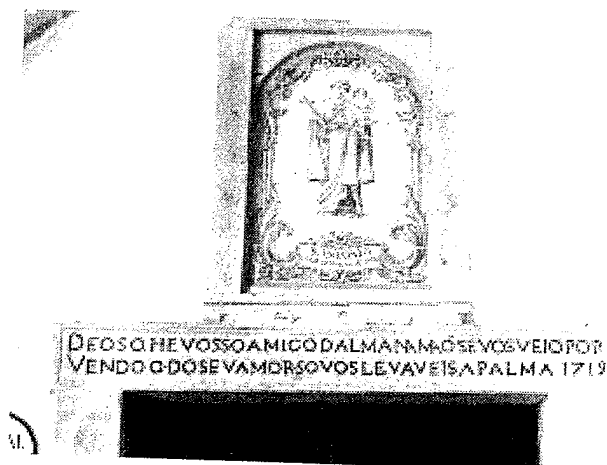


ACERCA DE UMA INSCRIÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS (CASTELO BRANCO)

Joaquim Manuel Baptista dos Santos



O antigo convento de Santo António dos Capuchos, fundado em 1562 por D. Fernando de Menezes, onde actualmente funciona o estabelecimento Prisional de Castelo Branco, possui no seu interior algumas inscrições¹ portuguesas. Desse conjunto iremos hoje abordar uma que, ao longo dos tempos, tem intrigado quantos a têm investigado². Situa-se tal documento no átrio da fachada principal, na sua parte interior, no lintel de uma porta que se abre à direita de quem vem do exterior. Por cima da inscrição existe um nicho rectangular, possuindo no seu interior painel de azulejos representando Santo António e que deverão datar da época em que passou a funcionar neste edifício o quartel em 1835³; no lado oposto do átrio existe outra porta igualmente com inscrição no lintel de difícil leitura, tendo por cima também um nicho com painel de azulejos representando a Senhora da Conceição, devendo ser coevo do existente à sua frente. Em relação a esta inscrição, trataremos dela em seu devido tempo.

Da inscrição que vamos estudar, podemos dizer que possui contorno rectangular, com cercadura em relevo em todo o perímetro. Está fabricada em granito e possui de largura 175 cm, por 18 cm de altura⁴.

¹ Estevão Rolão (1983)

² Freire (1997)

³ Santos (1958)

⁴ Agradeço a comunicação das dimensões a Helena Aires de Abreu.

Tem a seguinte leitura:

DEOS Q HE VOSSO AMIGO DALMA NA MAÕ SE VOS VEIO POR
VENDO Q.DO SEV AMOR.SO.VOS LEVAVEIS A PALMA 1719

Interpretação: Deus que é vosso amigo da alma na mão se vos veio por vendo que do seu amor só vós leváveis a palma. 1719.

José Geraldês Freire fornece interpretação idêntica à nossa⁵. Já Ana Cristina Leite⁶, para além de apresentar uma leitura enganosa pois a mesma aparenta possuir quatro linhas (J. Geraldês Freire admite até que possa tratar-se de uma quadra), comete ainda algumas incorrecções:

1. Na linha 1 não lê o Q;
2. Na linha 2 lê o Q por O; consegue ler "A VOS" quando o que lá está é "SO VOS"; por fim, lê LEVAREIS quando o expresso é LAVAVEIS.

Demasiados erros para uma epígrafe de tão fácil leitura.

O texto está escrito em caracteres capitais romanos e avivados com tinta negra, sendo justificado nos dois eixos de simetria. Convém referir a existência de abreviaturas em ambas as linhas desdobrando a letra Q= QUE. Existem também dois nexos na primeira linha nas palavras NA e MAÕ. Usa-se, por vezes, o "V" com valor vocálico de "U".

No concernente à interpretação, ocorre-nos fazer a mesma pergunta que José Geraldês Freire formulou aquando do seu testemunho: Compreender-se-á o sentido da inscrição? A razão desta incompreensão prende-se com o particular sentido que a mesma inscrição tem, e é tal facto que iremos aclarar.

O presente texto não é uma composição normal de epigrafia e resulta do aproveitamento do mote de um poema de Gregório de Matos e Guerra, autor brasileiro do século XVII. O poema em questão tem o título de **Ao glorioso portuguez Santo Antonio** e é do seguinte teor:

⁵ Freire (1997).

⁶ Leite (1991).

MOTE

Deus, que é vosso amigo d'alma,
Na palma se vos vem pôr,
Para mostrar, que de amor
Só vós levastes a palma.

Quando o livrinho perdeste
Lá na mata do botão
Antônio, grande aflição
Dentro em vossa alma tivestes:
E se da dor, que vencestes
Levastes vitória, e palma,
Bem se colhe, que em tal calma
Tal dor, e tal agonia
Só aliviar-vos podia
Deus, que é vosso amigo d'alma.

Fez-vos Deus nessa ocasião
Visita bem lisonjeira,
E por não puxar cadeira,
Se sentou na vossa mão:
Foi larga a conversação,
Que o assunto foi de amor,
E porque um Frade menor,
(sendo menor que o Menino)
era de tal palma digno,
Na palma se vos vem pôr.

Convosco o Menino então
Um jogo, Antônio, jogou:
Ele a palma vos ganhou,
Mas vós ganhastes por mão:
Não jogou entences não
Com o seu Servo o Senhor
Para mostrar, que o favor
Nasceu da ociosidade,
Senão por mais majestade
Para mostrar, que de amor.

Mostrou, que em quererdes bem
A um Deus, a quem imitastes,
Não só promessas pagastes,
mas os dízimos também:
e por deixar em refém
deste amor amais pura alma,
pois todas deixais em calma,
cantam os coros celestes,
que porque a palma a Deus destes
Só vós levastes a palma.

Enfim, está esclarecido o sentido da inscrição. O mote e a inscrição não coincidem na totalidade, possivelmente pelo facto de o referido mote circular em manuscrito, dado que Gregório de Matos nada publicou em vida embora muitos dos seus poemas, oralmente ou em manuscritos, circulassem. Mas vamos saber alguns pormenores acerca deste artista tão desconhecido.

Gregório de Matos nasceu em Salvador da Baía a 20 de Dezembro de 1623, filho de Gregório de Matos, um fidalgo português de Arcos de Valdevez

e de Maria da Guerra, respeitável senhora dona de engenho na Patatiba. É baptizado oito dias após o nascimento, sinal evidente de falta de saúde, com o nome de João, que posteriormente é mudado para Gregório como seu pai. Estuda nos colégios dos jesuítas e, em 1652, com 14 anos rumo a Coimbra onde se formou em Cânones em 1661. Exerceu altos cargos na capital do reino, em Alcácer do Sal e noutros locais do continente. Em 1679 retorna ao Brasil, nomeado para exercer cargo importante no bispado da Baía. Foi perseguido pela Inquisição e pelo Poder, resultando daí talvez o degredo, em 1694, em Angola de onde regressou, uma vez perdoado, ao fim de um ano. Fixa residência no Recife por lhe estar vedado o retorno à terra natal. Ali vem a falecer, na maior das misérias, em 16 de Outubro de 1696.

A obra literária de Gregório de Matos assume duas facetas distintas: a satírica, pela qual é mais conhecido e que tantos aborrecimentos lhe trouxe, assumindo por vezes carácter marcadamente erótico e pornográfico, e a lírica de fundo religioso e moral. Pelo seu jeito provocatório de versejar e de estar na vida foi apelidado de **Boca de Inferno, imoral, rancoroso, pessimista, desmazelado**, etc.

A partir do século XVIII, e uma vez editada a sua obra, a personalidade literária de Gregório de Matos tem sido objecto de insistente atenção por parte da crítica brasileira.

E terminemos com uma pergunta: como terá chegado a Castelo Branco, no primeiro quartel do século XVIII, o poema cujo mote foi aproveitado para figurar numa inscrição?⁷

BIBLIOGRAFIA:

- Freire, José Geraldes (1997) – “Inscrições latinas no convento de Santo António dos Capuchos em Castelo Branco”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 27, Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, p. 85-90.
- Leite, Ana Cristina (1991) – *Castelo Branco*, Lisboa: Presença.
- Rolão, Estevam (1983) – Pedras tumulares do regimento de infantaria, Castelo Branco, *Reconquista*, nº 1965 de 22 de Julho.
- Santos, Manuel Tavares dos (1958) – *Castelo Branco na história e na arte*, Castelo Branco, ed. do autor.
- [Http://www.ufba.br/~gmg](http://www.ufba.br/~gmg) (Referências biográficas de Gregório de Matos e Guerra)

⁷ Agradeço ao meu mestre em algumas lides museológicas, Dr. António Forte Salvado, a crítica construtiva a este pequeno artigo.